

O diálogo nas aulas de filosofia do ensino médio

Cleder Mariano Belieri¹⁴

Resumo

Neste trabalho, será analisada uma situação de aprendizagem em busca de evidências sobre o papel do diálogo como princípio educativo nas aulas de Filosofia. Os dados analisados foram obtidos por meio de um experimento didático, desenvolvido com os alunos do 3º ano do ensino médio de um colégio estadual do Paraná, que tinha como objetivo a localização de princípios didáticos para o ensino de Filosofia. Observou-se, por meio da análise, que as situações dialógicas, quando mediadas pelo conceito filosófico, permitem ao professor acompanhar o nível de pensamento do aluno em relação ao conteúdo de ensino, encaminhar e reencaminhar suas ações para que a atenção esteja dirigida para o conceito filosófico e a reordenação das operações mentais do aluno.

Palavras-chave: Diálogo, Ensino, Filosofia.

Introdução

É comum entre professores de Filosofia relatos de que o diálogo entre professor e alunos e entre alunos e seus pares, durante as aulas, permite o desenvolvimento da capacidade crítica. Em algumas situações em que o diálogo se apresenta como um princípio didático, cabendo ao professor coordenar a discussão, atento ao desempenho argumentativo (lógico) dos alunos.

Assim, considera-se que, por meio do diálogo, os alunos vão aprendendo a distinguir um argumento bom de outro ruim, a exigir dos outros e de si mesmos coerência na argumentação e a se autocorrigir; ou seja, mediante o processo de argumentação e contra-argumentação os estudantes aprendem a “pensar melhor”. Ocorre que esse processo de argumentação e contra-argumentação tem consistido na emissão de opiniões fundadas apenas em vivências cotidianas, distanciando-se dos conteúdos próprios da Filosofia. Esse fato tem dificultado a elaboração de argumentos mediados por conceitos filosóficos e, assim, impedido que o pensamento do aluno atinja níveis mais teóricos.

Diante disso, é lícito questionar se os momentos de interação dialógica entre alunos e entre eles e o professor podem ser transformados em um princípio educativo para as aulas de Filosofia, e, em caso afirmativo, em como essa transformação pode se efetivar. No presente artigo, buscaremos analisar – ainda que de modo bastante breve – uma experiência didático-dialógica que nos permite enfrentar às questões formuladas.

¹⁴Professor da Rede Estadual de Educação do Paraná. E-mail: bellieri@gmail.com

O diálogo em uma situação de aprendizagem

Pautados em pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, considera-se que é a aprendizagem dos conceitos sistematizados mediante a instrução escolar, o meio de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como reflexão, análise e síntese, enfim, o meio para o desenvolvimento humano (VIGOSTSKI, 2001). Assim, defendemos a necessidade de um ensino que resulte em aprendizagem, em nosso caso, um ensino que favoreça a aprendizagem de conceitos filosóficos e o desenvolvimento do pensamento do aluno.

Considerando a compreensão acima apresentada, a pesquisa “Aprendizagem de Conceitos Filosóficos no Ensino Médio”¹⁵ (BELIERI, 2012), desenvolvida com o propósito de investigar como o ensino de Filosofia pode ser organizado para que haja a aprendizagem de conceitos filosóficos e o desenvolvimento do pensamento teórico dos alunos no ensino médio, identificou alguns elementos sobre o papel do diálogo nas aulas de Filosofia por meio de um experimento didático¹⁶.

O experimento foi desenvolvido de setembro a novembro de 2010 com alunos do 3º ano do Ensino Médio de um colégio estadual do Estado do Paraná. A turma era composta por 25 alunos, cuja idade oscilava entre 16 e 18 anos. Durante o experimento, o professor atuou como pesquisador, organizando uma atividade de ensino na qual alguns dados foram coletados.

Optou-se por trabalhar o conceito de *alienação*, por ser um conteúdo presente no programa da disciplina para o semestre no qual o experimento foi realizado. Pretendia-se que os alunos internalizassem o núcleo conceitual, ou seja, o princípio geral básico que dá unidade ao sistema conceitual que constitui o conceito de alienação.

Os estudos para a organização do experimento haviam revelado que o princípio geral que uniria as diferentes representações sobre alienação estaria relacionado a *perder o ser; perder o que o faz ser; perder a humanidade; perder o que o faz ser o que é; enfim, perder a essência do que define o homem como tal*. Desse modo, a alienação seria, de um modo geral, a *perda do ser*. Assim, o homem estaria alienado quando perdesse o que o define como homem. Devido às poucas horas possíveis para a realização do experimento, optamos por focar o ensino na produção de apenas um autor. Foi trabalhado, então, o conceito de alienação no pensamento de Sartre.

¹⁵A pesquisa de mestrado foi realizada pelo professor Cleder Mariano Belieri, sob a orientação da professora Dra. Marta Sueli de Faria Sforzi, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Ela está disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes.html>> .

¹⁶O experimento didático “[...] caracteriza-se pela intervenção ativa do pesquisador nos processos mentais que ele estuda. Neste sentido, ele difere essencialmente do experimento de constatação, que somente enfoca o estado já formado e presente de uma formação mental. A realização do experimento formativo pressupõe a projeção e modelação do conteúdo das formações mentais novas a serem formadas, dos meios psicológicos e pedagógicos e das vias de sua formação [...] plasma uma combinação (unidade) entre a investigação do desenvolvimento mental das crianças e a educação e ensino destas mesmas crianças” (DAVIDOV, 1988, p. 196).

Inicialmente organizou-se uma atividade em grupo para a leitura de uma narrativa que culminava com uma situação-problema a ser revolvida coletivamente, com o objetivo de reconstruir os traços essenciais que compõem o conceito de alienação. Pretendíamos que a chave para a resolução dessa situação-problema seria o uso do conceito de alienação. Não pretendia-se um ensino que viesse apenas aumentar o vocabulário dos alunos, mas que possibilitasse a eles um maior nível de consciência da realidade. E o meio para isso, segundo Vigotski (2003), é a internalização dos conceitos sistematizados.

A quantidade de estudantes por grupo ficou estabelecida em no máximo cinco, sendo esse o único critério que utilizamos para o primeiro momento do experimento. Esse número pareceu adequado, pois permitia desencadear uma reflexão coletiva em que os alunos tentariam em conjunto responder ao problema apresentado na narrativa. Para viabilizar o trabalho, solicitou à turma que nenhum aluno permanecesse fora dos grupos. Os alunos, como já se esperava, agruparam-se de acordo com os laços de amizade já existentes na turma.

Tendo em vista os limites impostos pela extensão do presente texto, não nos é possível apresentar todo o experimento didático, assim, optamos por destacar apenas uma das situações de diálogo ocorridas durante a leitura da narrativa, ocorrido no primeiro momento do experimento. O episódio descrito a seguir evidencia o papel do diálogo na promoção da reflexão¹⁷ pelos alunos, bem como a possibilidade que a verbalização, manifestada nas argumentações e contra-argumentações, ofereceu ao professor no acompanhamento do nível de pensamento do aluno em relação ao conceito de alienação.

No episódio a seguir, o professor e alguns alunos organizados em um grupo, Adriá, Kal, Lídia e Maya, colocam-se em uma situação de diálogo na tentativa de responderem ao problema presente na narrativa:

Problema: *Mas a que fim estava voltada a minha opção em continuar varrendo, a um fim meu, próprio, interno (a minha vontade), ou a um fim determinado exteriormente? Estaria de fato deixando de ser humana caso continuasse a varrer todos os dias aquelas ruas? Não estaria submetida a essa condição por ter como maior valor a possibilidade de poder viver? A que fim e o que justificava o modo de agir dos goim, dos jundenrat e do prefeito? A atitude dos goim, dos jundenrat e do prefeito também consiste em abrir mão da sua humanidade? Estariam os goim os jundenrat e o prefeito em uma condição*

¹⁷A reflexão “[...] consiste na descoberta, por parte do sujeito, das razões de suas ações e de sua correspondência com as condições do problema” (SEMENOVA, 1996, p. 166). Pelo fato de a narrativa apresentar condições para a solução do problema do experimento didático, ela subsidiaria os alunos para que estes pudessem encontrar a razão da sua ação, que nesse caso seria encontrar a generalização conceitual substancial (DAVIDOV, 1988), o conceito de alienação. Assim, durante a realização do experimento caberia ao professor estar atento “[...] ao plano intrapsíquico, à presença e à qualidade das negociações entre os alunos e destes com o professor acerca dos critérios utilizados na resolução das tarefas” (SFORNI, 2004, p. 117), ou seja, o professor deveria estar atento aos mecanismos utilizados pelo aluno na tentativa de responder ao problema. Portanto, era fundamental criarmos momentos e situações em que os alunos verbalizassem o seu pensamento. Nesse sentido, as discussões em pequenos grupos e a socialização das ideias de cada grupo foram previstas no experimento.

¹⁸Para garantir o anonimato dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa foram utilizados nomes fictícios.

semelhante a minha? Por quê? Que condição traduz a minha atitude de continuar varrendo? Estaríamos em uma condição de alienação?

Kal: *Ela fez o que ela queria, ela fez a vontade dela, foi uma opção dela.*

Adriá: *Por que naquela época mesmo que os nazistas vissem a pessoa varrendo ou não fazendo nada eles matavam. Eles achavam que tinham que matar e já matavam. Eles matavam também para mostrar o poder...*

Lídia: *Então ela preferia a vida e não ligava em perder a liberdade dela, mas preferia continuar vivendo.*

Lídia: *Eles (os jundenrat) eram judeus também?*

Kal: *Sim.*

Professor: *E a resposta à questão: “Que condição traduz a minha atitude de continuar varrendo? Estaríamos em uma condição de Alienação?” Como ficou?*

Grupo: *Sim! Sim! Sim!*

Professor: *Por quê?*

Kal: *porque era uma coisa obrigada, imposta pelo prefeito dela também, pelo líder, pela ditadura...*

Adriá: *Ela foi induzida a fazer aquilo...*

Kal: *É, ela foi induzida.*

Kal: *Se não ela (Léa) agisse assim ela morreria então ela teria que fazer.*

Adriá: *tem pessoas que estão alienadas sem perceber. Mas ela está alienada impondo aquilo a ela.*

Kal: *O prefeito também estava em condição de Alienação. Por que se ele se opusesse a esse regime ele morreria. Então ele estava na mesma situação que ela.*

Adriá: *Quando aconteceu o Nazismo eles colocavam o poder... por exemplo... eles foram lá mataram as crianças, os filhos, para mostrar que ele poderiam fazer aquilo com todos. **Maya:** *Eles tinham o poder!**

Adriá: *É, eles tinham o poder e esse poder era baseado na força que eles tinham, eles demonstravam para as pessoas para amedrontar. Eles estão em situação de alienação não só pelo o que está acontecendo, pelos acontecimentos, mas pelo medo, pelo... Para conservar a vida! É claro que eles não tinham liberdade, mas eles se apegavam naquilo para preservar a vida. Ela mesma se apegou varrer as ruas como uma última esperança... É o que dá para entender... Ela queria viver.*

No trecho relatado, pode-se verificar que o diálogo se estabelece para tentar responder de modo coletivo o problema apresentado. Isso possibilitou o envolvimento desse grupo de alunos com a temática, desencadeando a atividade reflexiva. A reflexão pode ser observada quando os alunos tentam encontrar os fundamentos e os limites de seus posicionamentos, despertando neles o desejo de superação da condição que se encontravam em relação ao

conceito de alienação. É o que podemos ver nas seguintes falas:

Adriá: Por que naquela época mesmo que os nazistas vissem a pessoa varrendo ou não fazendo nada eles matavam. Eles achavam que tinham que matar e já matavam. Eles matavam também para mostrar o poder... **Lídia:** Então ela preferia a vida e não ligava em perder a liberdade dela, mas preferia continuar vivendo.

Por meio da observação atenta do diálogo nos grupos, foi possível ao professor verificar que o nível do pensamento dos alunos em relação ao conceito filosófico não era o esperado. Isso levou o professor a intervir por meio dos seguintes questionamentos: “E a resposta à questão: “Que condição traduz a minha atitude de continuar varrendo? Estaríamos em uma condição de Alienação?”. Como ficou? Por quê?”.

O acompanhamento e a intervenção do professor por meio de seus questionamentos contribuiu para colocar em sintonia os passos do professor e dos alunos rumo à aprendizagem almejada. Isso pode ser observado na sequência do diálogo:

Grupo: Sim! Sim! Sim!

Kal: porque era uma coisa obrigada, imposta pelo prefeito dela também, pelo líder, pela ditadura. **Adriá:** Ela foi induzida a fazer aquilo. **Kal:** É, ela foi induzida. **Kal:** Se não ela (Léa) agisse assim ela morreria então ela teria que fazer. **Adriá:** tem pessoas que estão alienadas sem perceber. Mas ela está alienada impondo aquilo a ela. **Kal:** O prefeito também estava em condição de Alienação. Por que se ele se opusesse a esse regime ele morreria. Então ele estava na mesma situação que ela.

Com isso, pode-se afirmar que a intervenção do professor mediada pelo conceito filosófico, após a identificação do nível do pensamento dos alunos em relação ao conteúdo de ensino, permitiu-lhe reencaminhar suas ações para que a atenção dos alunos fosse dirigida para o conceito de alienação e não se desviasse para outros aspectos não essenciais do conceito.

Após mobilizar a atenção dos alunos por meio diálogo promovido pela tentativa de responder a situação-problema presente na narrativa, foi apresentado aos alunos conceitos de alienação de diferentes dicionários (incluindo dicionário filosófico), comparando-os à situação existencial das personagens da narrativa a fim de que saíssem da situação particular apresentada no texto e percebessem nela traços de um fenômeno geral, ou seja, que caminhassem em direção à elaboração de uma síntese geral relativa ao conceito de alienação. Não esperávamos, nesse momento, que os alunos chegassem ao conceito, já que eles não tinham ao seu dispor reflexão proveniente dos clássicos da Filosofia, apenas elementos do seu cotidiano, somados às definições dos dicionários; nossa intenção era a de que tentassem elaborar uma síntese provisória que seria ampliada ou modificada à medida que tivessem contato com o pensamento filosófico. Ao chegarem ao pensamento de Sartre, que ocorreu no

terceiro momento do nosso experimento, os alunos já estariam mentalmente ativos com o conceito em pauta.

Conclusão

O presente estudo permitiu concluir que o diálogo pedagogicamente orientado, mediado pelo conceito filosófico, possibilita ao aluno reordenar as suas operações mentais. Entre essas operações está a reflexão, capacidade que entendemos ser de extrema importância para a aprendizagem de conceitos, pois permite ao educando localizar os fundamentos e os limites de seus posicionamentos em relação ao conceito filosófico.

A análise dos dados permite reforçar a ideia de que o diálogo durante as aulas potencializa o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos na atividade, contudo, esse diálogo deverá ser sempre mediado por determinado conhecimento, em nosso caso, pelo conceito filosófico. A interação entre os alunos e entre eles e o professor, na tentativa de se resolver de maneira conjunta um problema de aprendizagem, promove novas conexões com o objeto de estudo por meio da manifestação de ideias contrárias apresentadas (SEMENOVA, 1996).

O enfrentamento da situação-problema, por meio do diálogo, além de ter sido um importante procedimento para mobilizar o pensamento dos estudantes em torno do objeto de conhecimento, também possibilitou ao professor acompanhar a relação que o aluno está estabelecendo com o conteúdo em questão. Isso contribui para colocar em concordância as ações e as operações realizadas pelo aluno e pelo professor no caminho rumo à aprendizagem conceitual, colocando o aluno como sujeito da aprendizagem.

Com base nesse estudo, também pode-se afirmar que situações de diálogo possibilitam ao professor intervir e fazer com que o aluno deixe de ter como foco de sua atenção apenas os elementos advindos das experiências cotidianas e dirija sua atenção para o que acreditamos ser essencial no ensino de Filosofia: os conceitos filosóficos. Com isso, destaca-se que nos momentos de interação dialógica ocorrida nas aulas de Filosofia os conceitos filosóficos devem ocupar um lugar central, tanto no processo de argumentação e contra-argumentação como na organização desse processo pelo professor. É a aprendizagem dos conceitos filosóficos o meio para instrumentalizar os alunos para realizar a crítica consistente da realidade.

Submetido em novembro de 2013.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2014.

REFERENCIAS

BELIERI, C. M. Aprendizagem de conceitos filosóficos no Ensino Médio. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-

graduação em Educação, Maringá, Paraná, 2012.

DAVIDOV, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**: investigación teórica y experimental. Moscú: Editorial Progreso, 1988.

SEMENOVA, M. A formação teórica e científica do pensamento nos escolares. In: GARNIER, C., BEDNARZ, N. e ULANOVSKAYA, I. **Após Vigotsky e Piaget**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SFORNI, M. S. de F. **Aprendizagem conceitual e organização do ensino**: contribuições da teoria da atividade. Araraquara: JM Editora, 2004.

VIGOTSKI L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.